

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

BOLETIM DA SUB-DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Sumário:

Café e o Câmbio Livre	1
Situação Mundial do Milho	6
Mercados e Preços	10
Preços no Interior	14
Situação da Lavoura	15
Estimativa de Safra	20
Estatísticas de Algodão	22
Situação da Pecuária	24
Exportação e Importação pelo Porto de Santos	27/29

A N O III Nº 6

JUNHO - 1955

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL
SECRETARIA DA AGRICULTURA
ESTADO DE SÃO PAULO

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO
Boletim da Subdivisão de Economia Rural
Rua Anchieta, 41 - 6º andar , Caixa Postal, 8085

SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
Chefe: Engº Agrº Ruy Miller Paiva

S E C C Õ E S

Política da Produção Agrícola

Engº Agrº Ruy Miller Paiva (chefe)
Engº Agrº Salomão Schattan
Engº Agrº Milton N. Camargo

Organização e Administração Rural

Engº Agrº O. J. T. Etori (chefe)
Engº Agrº F. S. Gomes Jr.
Engº Agrº Adolpho Kauffmann
Engº Agrº Odilon Nogueira

Mercados e Preços

Engº Agrº Rubens A. Dias (chefe)
Engº Agrº Constantino C. Fraga
Engº Agrº Raul Tacla
Engº Agrº Wilson Dantas

Previsão de Safras e Cadastro

Engº Agrº Mario Zeroni (chefe)
Engº Agrº Oswaldo B. Costa

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Diretor: Engº Agrº Mario D. Homem de Mello

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Diretor Geral: Engº Agrº Ismar Ramos

SECRETARIA DA AGRICULTURA

São Paulo

Impresso na Diretoria de
Publicidade Agrícola

Brasil

O CAFÉ E O CÂMBIO LIVRE

Os cafeicultores de São Paulo iniciaram ha pouco um movimento que vem prendendo a atenção de todos os círculos economicos do país. Reclamam o direito de exportar o café pelo mercado livre de cambio. Alegam que estão sendo espoliados porque exportam o produto na base do cambio oficial e tudo o que compram, o fazem por preços na base do cambio livre.

Sente-se que, em relação a êsse assunto, há uma onda de resignação e de insatisfação, proveniente dos demais setores de nossa economia. Sabe-se que a retirada do café do cambio oficial, significa a imediata desvalorização do cruzeiro, e que isso, por sua vez, significa profundas modificações em nossa vida economica, inclusive o desaparecimento de privilégios já estabelecidos. Assim, grande numero de importadores sente que a desvalorização do cruzeiro lhes significa a perda do privilégio de importar mercadorias a preços baixos, com um cruzeiro valorizado pelo cambio oficial de 18,72 mais taxas, a fim de vendê-las a preços altamente inflacionados, num mercado escasso dessas mercadorias; ou ainda significa-lhes a perda da possibilidade de fazer negócios lucrativos, pelo sistema de comercio de compensação.

As indústrias também sentem que a desvalorização lhes significa a certeza do encarecimento do preço da materia prima importada e a incerteza quanto a possibilidade de manter a mesma margem de lucro, uma vez que não sabem se a renda nacional real vai manter-se nas mesmas bases e de molde a lhes permitir a transferencia dessa elevação de preço para os consumidores.

Também o Governo receia a medida, porque reconhece que se não existir cambiais a taxa oficial, terá que providenciar elevação de impostos ou novas emissões, a fim de fazer face aos encargos que lhe competem no comercio internacional e que se referem ao pagamento dos atrasados, juros e amortizações dos empréstimos, com prioridade cambial, serviços governamentais, transferencia da renda dos investimentos com garantia de cambio a taxa oficial, além das importações próprias do seu serviço. Segundo a Conjuntura Economica de maio deste ano, os compromissos do Governo nesse sentido, abrangem 29 milhões de dolares por mes, ou seja, cerca de 40% do orçamento cambial.

E por último, o consumidor nacional, que não se classifica em nenhuma dessas classes, receia também que a medida resulte num encarecimento enorme do custo de vida.

A reação contra a pretensão dos agricultores é, portanto, muito acentuada, pois são muitos os interesses particulares que se sentem prejudicados. É por isso uma questão difícil de ser analisada, especialmente do ponto de vista do interesse nacional.

Que a atual política cambial constitui sob certos aspectos, uma injustiça para os cafeicultores, é fato que não pode ser refutado. São eles que sustentam o cambio oficial, pois são praticamente os únicos que exportam o produto nessa base. É devido a eles que se consegue importar materias primas e maquinas a baixo preço, e que o Governo consegue saldar os seus compromissos com menos dinheiro. Não se pode negar, pois, que é o café que subsidia parte das atividades economicas do país.

Se se tratasse de um país com uma organização racional e coerente, esse argumento não seria levado em maior conta, pois não haveria nada de extraordinario nesse subsidio. Seria até muito justo, pois é natural que os encargos de uma sociedade recaiam sobre os que possam pagar. Se o café é o unico produto que suporta tal encargo torna-se justo sobrecarregá-lo. É o que ocorre na Venezuela com o petróleo, no Chile com o cobre e o salitre. Muitos Estados do Brasil também tem nas exportações de algodão, ou de cana, a sua unica fonte de receita. Infelizmente porém, a situação, do Brasil não é de molde a permitir que se defenda essa forma de subsidio. O cambio oficial nem sempre tem sido usado de acordo com os interesses da coletividade. É grande o numero de firmas que tem se locupletado com a existência de dois cambios e com o sistema de controle quantitativo das importações, de modo que não se deve falar em mantê-lo, a fim de atender o interesse social, sem maiores cuidados.

É preciso ponderar, porém, que a questão de manter ou não a nossa atual política cambial não se prende somente ao desejo de se tratar com maior ou menor equidade os cafeicultores do país. Existo também o interesse de toda a economia do país, que se acha de uma forma ou outra entrelaçada com a medida.

Um dos argumentos em favor da manutenção do cambio oficial na base de 18,72 mais taxas, é a necessidade de se manter o preço do café em dólares. Receia-se que a mudança da taxa traga oportunidade para os americanos pagarem menos, em dólares, pelo café que adquirem, o que seria desvantajoso, pois viria diminuir nossa receita total nessa moeda.

A posição estatística do café é muito boa e o aumento de seu preço em cruzeiro, não deveria trazer em curto período de tempo qualquer modificação nessa posição. A rigor, não deveria portanto trazer modificação em seu preço em dólares. Não acreditamos que os importadores americanos decidam pagar menos pelo café, simplesmente porque os fazendeiros vão dispor de melhores preços. Se eles pudessem fazer isso, já o teriam feito, sem considerar o preço que os fazendeiros aqui recebem. Além disso, existe o interesse dos produtores de outros países que também suprem o mercado americano. O que pode ocorrer, porém, é que os produtores nacionais tenham pressa em vender o seu produto e que, com isso, promovam um abarrotamento temporario do mercado. O perigo está, pois, em nossa própria atitude e não na dos importadores ama-

ricanos.

Outro argumento apontado em favor de se manter o câmbio oficial na taxa de 18,72, é que ele permite o reaparelhamento da indústria a preços baixos e permite também ao Governo, cumprir suas obrigações no exterior sem haver necessidade de maior emissões ou impostos.

Não se pode negar a necessidade de um país, como o Brasil, subsidiar o seu desenvolvimento industrial. Todavia, há ocasiões em que esse subsídio se torna excessivo, com visíveis prejuízos para toda a economia. É isso o que ocorre, no momento. O direito de importar matérias primas e mercadorias a preço baixo no câmbio oficial e de poder vendê-las (ou produzir com elas artigos vendáveis) a preços elevados no mercado interno, tem proporcionado aos industriais e comerciantes, elevada margem de lucro. Margem essa que, juntamente com a que obtêm com outros fatores protecionistas, atrai capitais e demais recursos do país, em detrimento da agricultura. Sendo deficiente o volume de investimento na lavoura, esta acaba por se tornar ineficiente e, com isso, passa a dificultar o desenvolvimento econômico do país. Desse modo, o argumento de que, a taxa atual do câmbio é benéfica porque proporciona facilidades à indústria, deixa de ser válida, e pode, mesmo, ser usada como argumento de que deve ser mudada porque dá uma proteção excessiva a certos setores da economia, em detrimento de outros.

De outro lado, citam-se inúmeras desvantagens da manutenção do atual sistema de câmbio. Uma das principais é a de dificultar a exportação da maioria dos produtos agrícolas. No momento, apenas o café e o cacau suportam a exportação num câmbio oficial. Até o algodão, que é um produto de grande importância na economia rural do país, já se tornou gravoso e não poderá continuar a ser produzido se não for autorizada a venda de parte de suas cambiais no mercado livre. E mesmo assim haverá o perigo de que os agricultores não mantenham as produções do mesmo. A exemplo do que está ocorrendo com outros produtos, cujas produções não são estimuladas com a inclusão de parte de suas cambiais no mercado livre, o produtor de algodão poderá preferir deixar suas terras para pasto, do que ficar na expectativa da porcentagem com que o produto vai ser favorecido. Este argumento torna-se extremamente forte quando se considera que não há possibilidade prática de se operar uma mudança na situação, de modo a vir a ser possível exportar novamente esses artigos nessa taxa de câmbio. Não se pode esperar que os preços no mercado internacional subam (a tendência é, alias, para baixo) e também não há esperança para que ocorra uma diminuição profunda de custo de produção. Tal diminuição somente poderá se dar através de uma melhoria generalizada da técnica de produção (o que é praticamente impossível de ser obtida em poucos anos) ou então, através de uma diminuição geral dos preços de todos os fatores de produção, o que significa uma deflação profunda, e que, alias pelas suas consequências deve ser evitada.

Outras desvantagens do atual sistema é que ele não tem favore-

cido a entrada de capitais e tão pouco conseguido manter um clima de confiança, em relação ao seu funcionamento. O fato do controle quantitativo das importações estar subordinado a decisão do próprio quadro administrativo do organismo, e portanto, sujeita as imposições a que nem sempre pode fugir, tem trazido reclamações graves que comprometem o funcionamento de todo o sistema.

Ve-se, assim, que o funcionamento do atual sistema não tem sido satisfatório. Se deve ser modificado, ou se deve ser apenas bem administrado, como sugerem certos círculos, é difícil de se afirmar. O que esse artigo pretende é apenas criticar certas sugestões que tem sido apresentadas nesse sentido. Uma delas diz respeito a liberação total do câmbio, o que naturalmente ocorreria, caso o café fosse negociado pelo câmbio livre. O efeito desta medida seria o aumento imediato dos preços do café, atendendo assim aos interesses de muitos negociantes, de alguns proprietários que desejam vender suas lavouras, e de muitos fazendeiros que ainda não venderam a safra que estão colhendo. Não há dúvidas que ela viria também sanar a injustiça que se faz contra os cafeicultores e que acima nos referimos, pois a porção da renda nacional que cabe aos cafeicultores seria aumentada. Poderá também facilitar a exportação de algodão que se acha nas mãos do Governo, diminuindo o prejuízo de sua operação, e, ainda, poderá estimular o aumento da produção agrícola para o ano de 1953/54, pois os agricultores reagiriam a possibilidade de se exportar a melhores preços, algodão, arroz, amendoim, mamona e alguns outros produtos.

Todavia, os inconvenientes de uma tal desvalorização seriam muito grandes. Haveria um aumento sensível do meio circulante, pois o montante da exportação em moeda estrangeira passaria a ter seu valor em cruzeiro, muito maior. É verdade que para efetuar a importação, teria que ser encaminhado a Superintendência da Moeda e do Crédito, um montante equivalente em cruzeiros (admitindo-se um equilíbrio da balança). Acontece, porém, que os recebedores e os pagadores dessa quantia seriam grupos distintos. De modo que haveria uma transferência de poder aquisitivo. Os agricultores e demais grupos que exportariam os produtos agrícolas teriam a sua renda em cruzeiro aumentada. E os importadores comerciantes ou industriais, teriam-na diminuída enquanto não pudessem transferir o aumento de custo para os consumidores. Para algumas mercadorias que já estavam sendo parcialmente importadas pelo mercado livre ou negro, seria mais difícil transferir esse custo, pois os preços pelos quais são vendidos já refletem a taxa de câmbio do mercado livre, isto é, já estão sendo vendidos ao preço que os mercados permitem. Nesse caso, haveria uma diminuição de lucro para o importador, ao menos temporário. Quanto as matérias primas que se destinam a indústria é de se crer que os industriais possam transferir o acréscimo aos consumidores, vendendo-lhes artigos mais caros.

Conclusão parcial a se tirar seria, pois, que haveria uma diminuição da renda real do grosso da população consumidora. Faz exceção,

2

naturalmente, os produtores de artigos agrícolas exportáveis, pois estes teriam um aumento de renda em cruzeiro muito elevado de modo que gozariam de uma renda real mais elevada. Seriam esses os efeitos considerados num período curto de tempo. Num período mais longo de tempo, este acréscimo de renda dos agricultores seria transferido para os empregados uma vez que a nossa economia se acha em situação de pleno emprego.

A par dessa transferência de renda, haveria o aumento da inflação, num ritmo difícil de ser previsto. Diversos fatores concorreriam para isso. Um deles é o aumento dos preços das matérias primas, combustíveis e mercadorias em geral importadas. O aumento da receita dos agricultores é outro fator que agiria nesse sentido, não só devido ao seu volume, como também ao seu "poder multiplicador", pois sendo ela distribuída a um grande número de produtores, a sua propensão de poupança seria pequena. Outro fator ainda, seria a necessidade de emissão por parte do Governo, a fim de atender os seus compromissos no exterior, que são vultuosos conforme foi dito acima. (É verdade que este fator, poderia ser eliminado, pois os recursos poderiam ser levantados através de tributos que não trouxessem maior inflação). Além do mais, é preciso considerar que esses elementos viriam agir numa situação de pleno emprego e num ambiente psicológico extremamente favorável para a elevação de preços, como é o que existe atualmente em nosso país.

Outra sugestão que tem sido feita é a da desvalorização parcial. Desse modo evitar-se-iam muitos dos inconvenientes acima citados, uma vez que fosse adotado um programa coerente de crédito e orçamentário.

Uma das formas de se conseguir a desvalorização parcial seria através da adoção de taxas múltiplas. Isso, aliás, está previsto pela atual lei. Ainda não foi posta em prática na importação, e mesmo quanto a exportação o seu uso tem sido limitado. Através de taxas múltiplas poder-se-ia adotar uma desvalorização até atingir condições que permitissem retornar ao sistema de uma só taxa, em níveis coerentes com o nosso nível geral de preços. Esse sistema apresentaria ainda a vantagem de eliminar o caráter pessoal do atual controle quantitativo das exportações, pois, obrigando-se a aquisição de porcentagens variáveis de câmbio no mercado livre pode-se fazer com que as taxas das diferentes classes de artigos atinjam níveis que controlem automaticamente a procura de novas importações. Outra vantagem a se mencionar é que o acréscimo da taxa viria eliminar a possibilidade do comerciante obter lucros exagerados com a importação de mercadorias, como ocorre atualmente com as importações a taxa oficial. O acréscimo de serviço que a sua aplicação exigiria do organismo controlador a fim de organizar os diferentes orçamentos cambiais, é um fator que dificulta sua aplicação.

SITUAÇÃO MUNDIAL DO MILHO

A situação mundial do milho é caracterizada na presente safra por maiores suprimentos que nos anos anteriores, (ver a Agricultura em S. Paulo Ano II nº 1) isso em parte pelo reaparecimento da Argentina como grande exportadora. A produção da corrente safra mundial é estimada em 142 milhões de toneladas, ou seja 22 milhões a mais que o produzido no período de pré-guerra- 1935/39. Essa produção é inferior unicamente a da safra de 1948 quando atingiu a 152 milhões. Esse aumento deve-se sobretudo à maior produção nos Estados Unidos e na Argentina, conforme notamos no quadro I.

QUADRO I

PRODUÇÃO MUNDIAL DE MILHO

	Média 1935/39	Média 1945/49	1950/51	1951/52	1952/53 (2)
América do Norte e Central					
EE.UU.	58.815.072	77.644.269	77.668.196	73.638.893	83.991.069
México	1.715.084	2.445.556	2.499.868	3.429.000	3.403.600
Outros	1.318.844	1.649.175	1.670.736	1.875.307	1.937.151
Total	61.849.000	81.737.000	81.838.800	78.943.200	89.331.800
América do Sul					
Brasil	5.464.886	5.899.760	6.019.800	5.791.200	6.223.000
Argentina	7.670.444	3.937.304	2.667.000	2.039.645	4.064.000
Outros	1.675.228	1.792.936	1.854.200	1.948.155	1.905.000
Total	14.809.000	11.629.000	10.541.000	9.779.000	12.192.000
U.R.S.S.	4.318.900	2.870.200	3.810.900	-	-
Europa	17.653.000	14.224.000	12.573.000	17.526.000	12.065.000
Ásia	15.748.000	16.891.000	16.129.000	17.018.000	17.780.000
Total					
 Geral(1)	120.904.000	133.985.000	132.334.000	133.350.000	142.240.000

(1) Incluindo África e Oceania

(2) Colheitas no 2º semestre de 1952 no Hemisfério Norte e princípio de 1953 no Sul.

Fonte:-

U.S.D.A.

2

A Argentina, que por cerca de 3 anos esteve com sua exportação grandemente reduzida, contará na atual safra com grandes disponibilidades para exportação, as quais podem mesmo atingir cerca de 1,5 milhões de toneladas.

QUADRO II
MILHO NA ARGENTINA

Anos	Produção Ton.	Exportação Ton.
Média 1935/ 39	7.891.885	6.071.747
Média 1945/ 49	4.200.877	1.746.960
1950	836.400	795.300
1951	2.670.000	297.885
1952	2.040.000	652.269
1953	3.700.000	...

Fonte:- Ministério de Assuntos Técnicos da Argentina.

A República Platina era o grande fornecedor de milho no mercado mundial, mas em consequência de sucessivas colheitas pequenas nesse país, os Estados Unidos se firmaram como o maior país exportador de milho. Na presente safra, os americanos poderão exportar até 3 milhões de toneladas, segundo cálculos do Departamento da Agricultura daquele país. Essa disponibilidade é superior em mais de 1 milhão de toneladas ao volume exportado em 1952, e pouco maior que as exportações americanas nos 3 anos anteriores.

Como reflexo dessas maiores disponibilidades, os preços de milho nos mercados importadores já sofreram quedas pronunciadas. O milho argentino que atingiu em Londres cerca de 46 libras por tonelada nos últimos meses de 1951, atualmente (meados de maio de 53) caiu cerca de 29 libras.

Tal cotação corresponde aproximadamente a Cr\$ 89,00 por 60 quilos, computando-se a libra no câmbio oficial, e é, portanto, inferior em cerca de 55 cruzeiros ao preço de São Paulo em maio, do milho amarelo.

QUADRO III

MILHO NO BRASIL

Anos	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO	
	BRASIL	S. PAULO	PARANÁ	BRASIL	S. PAULO
Média 1935/ 39	5.676.682	1.284.532	319.099	48.853	13.159
Média 1945/ 49	5.425.367	1.197.195	689.724	80.046	26.650
1950	6.023.549	1.226.815	881.406	11.698	9.167
1951	6.218.030	1.075.488	949.500	295.249	252.781
1952	6.245.204	1.004.852	918.144	28.416	23.897
1953	...	991.609

Fontes:-

Produções:- I.B.C.E. (S.Paulo de 45/49 em diante-Sec.Agr.)
 Exportações:- S.E.E.F. (M.F.) (exceto S.Paulo 1952 (Cia
 Docas de Santos)

O Brasil, conforme se constata nos quadros I e III, é normalmente um grande produtor de milho, no entanto só exporta ocasionalmente esse cereal. Assim é que, devido às quedas violentas das exportações argentinas e, consequentemente, impelidos por preços atrativos, conseguimos exportar em 1951 cerca de 300 mil toneladas, ou seja, 4,8% da nossa produção nesse ano.

Ainda não se conhecem as estimativas da produção do Brasil, para 1953. No entanto, a vista da menor produção de São Paulo e zonas limítrofes, e considerando o alto nível de nossos preços, pode-se afirmar que não haverá possibilidade para a exportação desse cereal no ano corrente.

O BRASIL IMPORTA MILHO

Ainda que estranho, os dados oficiais do Serviço de Estatística-

ca Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda, acusam uma importação pelo Brasil de 49.555 toneladas de milho da Argentina durante os 4 primeiros meses de 1953. Desse total, 8.901 toneladas entraram pelo porto de Santos. Conforme foi visto (Agricultura em São Paulo, Ano 3 nº 3) a produção de milho na região de São Paulo e Estados limítrofes, apesar de ter sofrido uma queda, ainda se mostra suficiente para atender o consumo interno. Torna-se pois, estranho uma importação assim volumosa, ainda mais quando se considera que desde 1932 as estatísticas de Santos não acusam importações desse produto.

Num ano em que se estima uma produção suficiente para atender ao consumo interno somente se compreenderia a importação de milho em São Paulo, se se visasse com ela forçar os preços a níveis mais baixos. Não se pode, porém, aceitar essa hipótese, a vista do preço pelo qual esse milho foi importado. Segundo as mesmas fontes, ele foi importado por Cr\$ 2.339,29 a tonelada, ou seja, a Cr\$ 140,22 por 60 quilos, preço esse que, acrescido de saco e despesa, de descarga e transporte, ficaria, posto em São Paulo, a preços superiores ao preço corrente, que no mês de maio foi de 145 cruzeiros.

É difícil, pois, compreender-se a razão de tal dispêndio de cambiais, num período em que nossa balança de pagamentos acha-se em situação difícil.

Outro aspecto estranhável dessa importação é que ela foi feita a preços muito superiores as cotações do milho Argentino na Inglaterra, que, conforme foi mostrado a pag. 7, é de Cr\$ 89,00 por 60 quilos. Segundo outra conceituada fonte de informações, as recentes vendas de milho argentino foram feitas na base de 70 dolares a tonelada, com desconto caso o pagamento fosse em moeda americana. Em cruzeiros, isso equivaleria a Cr\$ 1.400.000 a tonelada.

MERCADOS E PREÇOS

Café:- Maio foi um mês calmo na praça de Santos. As cotações mantiveram-se relativamente estáveis com ligeira tendência para baixa, como podemos verificar no quadro abaixo.

Café - Maio

Cr\$ por 10 quilos

Dias	Disponível Santos	Entregas			Diretas	
		mes presente	maio junho	julho dez.	janeiro jun/54	julho dez.
4	203,00	204,50	206,00	209,00	217,00	219,00
29	202,00	204,00	205,00	209,00	217,50	218,00
Diferenças - 1,00		- 0,50	- 1,00	0	+ 0,50	- 1,00

O movimento de exportação foi bastante reduzido quer em Santos quer no país. Assim, as exportações brasileiras somaram em maio apenas 792.405 sacas, ou seja cerca de 200.000 sacas a menos que no mês anterior, constituindo o menor volume mensal que exportamos nos últimos 3 anos. Pelo porto de Santos, saíram 424.662 sacas. Este volume é também acentuadamente inferior (mais de 100.000 sacas) ao movimento registrado em abril.

Nos últimos dias do mês, reuniram-se os estados cafeicultores a fim de deliberarem sobre o regulamento de embarques para a safra 53/54. Por grande maioria foi aprovada a proposta de São Paulo no sentido de prorrogar-se a vigência do regulamento referente a safra anterior.

O movimento a favor da liberação parcial e mesmo total do câmbio vem assumindo dia a dia maiores proporções. Contando já com o apoio das associações representativas e de prestigiosos círculos cafeeiros, essa ação vai empolgando o interior e fazendo firmes adeptos entre os produtores. Seus efeitos já começaram a se fazer sentir numa relativa retração dos negócios e em alguma retenção do café nas mãos dos produtores. Há indícios de que tal retenção tende a se acentuar podendo mesmo afetar os embarques de café da nova safra, que deverão inici-

ar-se a 1º de julho proximo.

No interior, o preço médio recebido pelos lavradores acusou um ligeiro declínio em relação aos preços de abril, tanto para o café beneficiado como para o produto em côco. Assim o café acusou Cr\$.. 330,30 para o sacco de 40 quilos em côco e Cr\$ 1.127,70 para 60 quilos beneficiados contra respectivamente Cr\$ 356,60 e Cr\$ 1.168,90 registrados em abril.

Algodão:- À medida que se aproxima o início da nova safra norte-americana, vão sendo confirmadas as notícias sobre a grande área que será plantada naquele país. Enquanto se aguarda a primeira estimativa oficial que devera ser divulgada em princípios de julho a maioria das fontes particulares situa em torno de 26.625.000 acres essa área, muito proxima portanto da superficie cultivada no ano passado que foi de 26.922.000 acres. A proxima safra devera portanto exceder substancialmente o "goal" governamental de 21,7 milhões de acres. A esse excesso de produção em relação às necessidades previstas, deve-se acrescentar ainda o aumento do "carry-over" da presente safra, em virtude das fortes reduções que vem ocorrendo nas exportações. Com efeito tudo indica que o volume exportado atingira no maximo 3.250.000 fardos contra cerca de 5,5 milhões verificado no ano anterior. Uma ideia das dificuldades que presentemente asoobram a economia algodoeira, pode ser obtida considerando-se que, dos 2.712.780 fardos exportados ate agora, aproximadamente 1,3 milhões o foram com creditos, fornecidos pelos EE.UU. aos países importadores, para a aquisição de algodão. Tais creditos somam aproximadamente 240 milhões de dolares.

Em São Paulo o mercado continua muito calmo. O movimento de transações no termo permanece muito pequeno e, menor no "Contrato Nacional" que no "Contrato C".

Entre o início e o fim do mês, foram os seguintes as diferenças verificadas nas cotações do produto.

QUADRO I

Bolsa de Mercadorias de São Paulo

Algodão em Pluma Cr\$ por 15 quilos-maio-

Dias	Disponivel		Termo - Contrato		Nacional		
	tipo "5"	mes presente	julho	out.	dez.	mar/54	maio 54
4	240,00	241,50	239,25	240,00	240,00	241,50	
29	241,00	234,00	235,50	237,00	237,00	237,00	227,50
Diferenças	+1,00	-7,50	-3,75	- 3,00	-5,00	-4,50	-

Nota:- Para efeito de uniformização, a cotação do "contrato nacional" que é dada em quilos, vai indicada em arrobas de 15 quilos.

QUADRO II
Caixa de Liquidação de Santos S/A
Contrato "C"

Dias	maio	julho	out.	dez.	mar/54	maio/54
4	236,00	238,50	245,00	252,00	258,00	-
29	-	241,00	251,00	260,00	264,00	264,00
Dif.	-	+ 2,50	+ 6,00	+ 8,00	+ 6,00	-

No interior, o preço médio recebido pelos lavradores foi de Cr\$ 79,50 por arroba de algodão em caroço, um pouco inferior portanto ao registrado no mês anterior e menor que o preço mínimo assegurado para o tipo regular de algodão em caroço, o qual, é de Cr\$ 80,00 por 15 quilos.

No quadro a seguir apresentamos o montante de algodão em caroço entrado nas máquinas de benefício na safra corrente.

RELAÇÃO DO ALGODÃO EM CAROÇO RECEBIDO PELAS USINAS DE BENEFICIAMENTO

S E T O R E S	Até 30/4/1953 Toneladas	Mês de maio/53 Toneladas	Até 31/5/1953 Toneladas
Araçatuba	23.319	27.951	51.270
Araraquara.....	535	1.951	2.486
Avaré	1.069	4.182	5.251
Baurú	2.452	3.509	5.960
Bebedouro	5.911	6.313	12.224
Campinas	2.030	4.011	6.041
Catanduva	526	1.514	2.040
Marília	26.525	38.721	65.246
Parg. Paulista	11.564	17.620	29.184
Piracicaba	1.134	1.511	2.645
Piraçununga	5.981	5.222	11.203
Pres.Prudente	36.511	71.706	108.217
Ribeirão Preto	12.034	10.940	22.974
S.José Rio Preto	12.309	19.789	32.098
Total do Estado	142.034	215.533	357.567
Em 1952	139.972	292.577	432.549
Diferenças	+ 2.062	- 77.044	- 74.982

Fonte:- Secção de Fiscalização e Classificação de Fibras Textéis da Divisão de Economia Rural .

A Comissão de Financiamento da Produção tinha, até 30 de abril adquirido cerca de 10,1 mil toneladas de algodão em caroço da presente safra. Em volume, esta quantidade representava cerca de 7% do total recebido pelas usinas de beneficiamento até a mesma data. Esta pequena porcentagem se explica pelo atraso verificado na lavratura dos contratos entre o Banco do Brasil S/A (executor das compras) e as Usinas, interessadas nessas transações. A partir de maio a porcentagem comprada pelo governo deve ter aumentado substancialmente. De qualquer modo em tão pouco tempo parece certo que as compras por conta própria realizadas pelas usinas, atingirão este ano, porcentagem bem superior a do ano passado.

Quanto à qualidade do produto adquirido, poderá ela ser melhor apreciada pelo exame do quadro seguintes

**CLASSIFICAÇÃO DE ALGODÃO EM CAROÇO ADQUIRIDO PELA
COMISSÃO DE FINANCIAMENTO DA PRODUÇÃO, NA PRESENTE SAFRA DE 1952/53**

EM QUILOS
MÊS DE MARÇO

Setor	Nº maq- traba-	Sup- rior	T I P O S				Total
			Rua	Regular	Sufrível	Inferior	
Marília	2	-	23.736	79.149	1.500	-	104.385
Araçatuba	1	-	-	110.203	44.346	3.550	158.099
Total do mês			23.736	189.352	45.846	3.550	262.484

MÊS DE ABRIL

Araçatuba	11	-	563.036	4.204.015	527.006	39.757	5.332.814
Marília	4	-	345.690	977.651	192.422	3.299	1.519.062
S.J.R.Preto	3	-	6.340	1.069.277	172.129	7.807	1.255.552
Baurú	1	-	16.630	404.222	146.107	6.232	573.191
Catanduva	2	-	3.757	120.574	22.785	1.529	148.644
Paraguaçu	1	-	-	220.768	91.419	2.057	314.244
P.Prudente	1	-	220.941	463.128	37.345	-	721.414
Total do mês			1.156.394	7.459.635	1.189.212	59.660	9.864.901

LEVANTAMENTOS ECONÔMICOS DA SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES

MÊS DE MAIO DE 1955 (*)

POR SETORES AGRÍCOLAS	ARROZ		FEIJÃO	MILHO	CAFÉ		ALGODÃO EM CAROÇO	AMENDOIM	MANDIÓCA	BATATA
	Em casca Soc. 60kg.	Benef. soc. 60k	Soc. 80 kg.	Soc. 60 kg.	Em coco soc. 40kg	Benef. soc. 60kg	Por arroba	Em casca soc. 25kg.	Por quilo	Soc. 60 kg.
Araçatuba	517,70	511,90	236,70	141,40	354,60	1.085,50	82,50	74,70	2,51	325,00
Araquara	534,80	529,80	236,60	141,00	320,00	1.225,00	80,50	85,60	2,80	390,00
Avaré	579,20	576,10	267,90	109,00	305,70	1.044,40	75,30	80,00	2,03	540,00
Baurá	537,50	525,90	258,40	118,40	332,40	1.168,50	76,90	90,90	2,84	300,00
Bebedouro	519,80	566,20	276,50	119,70	314,00	1.140,30	77,50	90,50	2,84	348,00
Brag. Paul.	275,50	549,40	366,20	165,70	-	1.119,00	-	95,00	-	501,40
Campinas	568,50	550,60	364,20	145,40	501,60	1.196,20	85,00	-	-	540,40
Catanduva	554,90	552,80	261,40	129,80	300,00	1.050,00	79,40	70,00	3,00	335,00
Itapetininga	525,70	574,50	541,90	115,50	-	-	79,40	-	-	375,10
Jau	356,10	620,50	310,10	141,20	548,20	1.152,70	70,00	-	5,05	375,00
Merilla	506,20	521,60	282,50	156,90	323,50	1.077,70	79,40	83,80	2,84	298,70
Piracicaba	557,40	581,70	288,20	159,00	555,60	1.107,40	85,60	-	-	560,00
Piranguema	546,00	593,00	275,90	141,00	378,00	1.124,40	87,50	-	-	295,40
P. Prudente	545,00	569,20	242,50	122,50	366,50	1.245,20	80,00	70,00	2,28	300,00
Rib. Preto	500,00	700,00	650,00	158,00	556,00	1.200,00	80,00	90,00	5,00	170,00
S. J. R. Preto	515,90	509,00	215,80	124,50	547,40	1.166,40	72,00	70,00	2,50	505,00
São Paulo	264,70	467,50	560,50	166,40	500,00	1.100,00	-	-	-	353,60
Taubaté	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Preço pondera do do Estado 2/mo de 55	524,20	559,60	318,50	129,50	350,50	1.127,70	79,50	82,30	2,69	522,70
Idem abr. 55	528,60	564,20	572,20	155,30	556,00	1.168,90	80,70	87,50	2,94	515,90
Idem mar. 55	533,70	562,00	588,70	145,50	557,50	1.176,40	81,40	83,10	3,01	215,90
Idem fev. 55	535,80	527,70	486,80	147,40	322,50	1.088,40	-	71,10	2,92	285,50
Idem jan. 55	296,20	477,00	379,50	146,20	325,40	1.091,60	-	67,90	5,19	190,80
Idem dez. 52	286,30	418,50	280,00	150,50	519,70	1.067,10	-	71,70	5,01	195,00
Idem nov. 52	260,10	400,80	253,40	125,40	325,40	1.045,20	85,00	74,10	3,12	261,50
Idem out. 52	245,10	396,80	258,70	114,90	328,50	1.052,10	85,40	75,20	2,90	199,00
Idem set. 52	244,60	381,60	250,80	109,30	351,70	1.056,60	86,10	76,20	2,98	177,50
Idem ago. 52	226,10	357,50	217,10	106,88	329,80	1.065,50	85,80	67,20	2,66	170,50
Idem jul. 52	204,50	350,50	189,20	100,50	317,90	1.079,10	85,80	65,80	2,79	166,80
Idem jun. 52	196,10	309,30	180,30	101,20	293,20	1.054,70	86,00	62,30	2,82	161,50
Id. maio 52	178,50	282,30	179,90	95,50	206,20	1.083,10	85,10	59,50	2,61	121,10

* Dados de 1955 sujeitos a revisão posterior.

SITUAÇÃO DA LAVOURA

O tempo:- Decorreu sêco, frio, com tendencia a se elevar a temperatura.

As poucas chuvas caídas prejudicaram a colheita de café, al godão e feijão em algumas lavouras, porem beneficiaram as pastagens e os cafezais, contribuindo para o seu revigoramento e para a diminuição do ataque de pragas.

Ocorreu queda de granizo nas regiões de Avaré, Garça e São José do Rio Preto.

A precipitação do mês comparada com a média do mês nos anos anteriores, foi a seguinte:

Setores	Precipitação média mês maio (1)	Precipitação mês maio 1953 (2)	Precipitação mês abril 1953 (2)
Araçatuba	40,0	51,2	81,7
Araraquara	48,6	49,3	79,5
Avaré	51,6	64,6	74,3
Bauru	52,0	78,8	98,8
Bebedouro	36,3	39,3	57,9
Brag. Paulista	52,0	40,9	79,4
Campinas	53,0	53,2	114,6
Capital	115,0	43,5	117,2
Catanduva	75,5	28,6	50,3
Itapetininga	60,8	98,9	112,7
Jau	42,6	51,5	57,2
Marília	43,6	55,5	56,0
Farg. Paulista	84,0	38,8	48,8
Piracicaba	38,2	34,8	122,0
Piraçununga	39,1	40,6	93,9
Pres. Prudente	70,0	48,7	73,9
Rib. Preto	39,5	30,8	72,3
S. J. R. Preto	28,0	15,0	64,7
Taubaté	57,4	117,0	100,3
Média Estado	54,0	50,5	80,7

(1) Média em número variavel de municipios de cada Setor. O periodo de observação nestes municipios, variou de 5 a 55 anos.

(2) Dados fornecidos pelos agronomos regionais

Observa-se pelo quadro da página anterior, que o mês de maio deste ano foi mais seco que o de abril, mesmo no setor de Tamboete, e a precipitação média no Estado, também foi menor que a dos outros anos.

Café- Vai adiantada a colheita em todo o Estado. Em Andradina, 20% da safra prevista já foi colhida e em São Joaquim da Barra, mais de 50%. Em Piracununga, Orlandia e Pindamonhangaba, muitas propriedades já terminaram essa operação. Em Aguiões, foi iniciada em cerca de 30% das propriedades, em Rancharia 40% e Duartina 80%.

As chuvas prejudicaram os trabalhos da colheita em Marília, Pompeia, Martinópolis e São José do Rio Preto, arrastando ainda parte do café derrubado e não levantado.

Nas demais regiões, os trabalhos prosseguiram normalmente.

O combate ao bicho mineiro não foi intensificado porque o abaixamento de temperatura contribuiu para diminuir seus ataques. Segundo os relatórios dos agrônomos regionais em São Carlos, Santa Cruz de Rio Pardo, Bragança Paulista, Socorro, Rancharia, Ponte Ferreira, Ribeirão Preto, São Simão e Votuporanga, ainda se constatou a presença da praga. Em Birigui, porém, foram feitos pulverizamentos, apesar de não haver grandes infestações. Nesta região, foi utilizado o helicóptero da Secretaria da Agricultura.

Em lavouras de Anais, notou-se a presença de ácaros e cochonilhas em Ibitinga, Tupã, Socorro, Dois Corregos e Pirajui; de coxopora em Bragança Paulista, Ribeirão Preto e Sertãozinho. Em Chavantes constatou-se a seca dos ponteiros e 5% de infestação de broca, que teve de ser combatida também em Panópolis.

Em São Simão houve ataque generalizado de todas as pragas, sem maiores consequências, porém.

O preço da colheita para sacos de 110 litros não sofreu alterações, vigorando nas seguintes médias:- em São Simão, Cr\$ 16,00 para os primeiros e Cr\$ 37,00 para os segundos; em Getulina, Cr\$ 12,00 e Cr\$ 55,00; em Lins, Cr\$ 15,00 e Cr\$ 40,00; em Dois Corregos, Cr\$.. 12,00 e Cr\$ 50,00; em Fartura, Cr\$ 15,00 e Cr\$ 50,00; em Leme, Cr\$.. 12,00 e Cr\$ 20,00; em Sertãozinho, Cr\$ 14,00 e Cr\$ 25,00 e mais Cr\$.. 200,00 por 1.000 pes para colonos e camaradas; em Marília, Garça e Cosmópolis, Cr\$ 38,00 para camaradas.

Algodão- A colheita desta fibra terminou em algumas regiões, tendo já sido arrancadas as sequeiras em Taquaritinga e Uchoa. Está por terminar em Olímpia e São José do Rio Preto, onde falta colher 40%; em Inoclia, 55%; em Guararapes, Birigui, Andradina, Tupã, Rancharia e Santo Anastácio, 50%; em Itapolis, Virajouro e Oswaldo Cruz, 25%; em Valparaíso e Duartina, 20%; em Tamabi e São João da

Boa Vista, 10% .

Segundo os relatórios dos agrônomos, a qualidade do algodão colhido tem variado de acordo com as mudanças de tempo, concentrando-se a maior porcentagem nos tipos 5 e 5/8, obtidos em Aracatuba, Fartura, Lins, Getulina, Catanduva, Dracena, Rio Claro, Santo Anastácio, Avare, Araraquara, São Carlos, Ribeirão Bonito, Duartina, Jaboticabal, Monte Alto, Tequaritinga, Tupã, São José do Rio Preto, São Joaquim da Barra, Tanabi e Oswaldo Cruz. Em Presidente Prudente foi colhida apreciável quantidade de tipo 4/5 e em Mirassol e Nova Granada, 6 a 7.

Apesar de terem sido iniciadas as compras do algodão pelos órgãos oficiais, resolvendo em parte a situação financeira dos lavradores, pelo que dizem os relatórios dos agrônomos regionais, e desinteresse pela cultura é maior do que no ano passado. Alguns cooperadores de Avare, Campinas e Botucatu, não mais estão interessados no fornecimento de sementes. Em Avare, Monte Alto, Capão Bonito e Votuporanga, muitos lavradores ainda não se compenetraram da necessidade de do arrancamento e moagem das sequeiras.

Cana de Açúcar:— O tempo permitiu a péga da cana de ano e meio e favoreceu a brotação das socas.

As usinas que ainda não principiaram a moagem, estão em francos preparativos para isso.

Em virtude do aparecimento do "carvão" em Americana, nota-se que todos os usineiros estão tomando serias precauções para evitar a propagação do mal em suas lavouras.

Na região de Piracicaba, uma das medidas adotadas além da eliminação total, é não receber dos fornecedores, canas suscetíveis a doença.

Oleaginosas:— Prossegue a colheita do amendoim da seca, havendo regiões como as de Penapolis e Santa Cruz do Rio Preto, em que essa operação já terminou.

Os lavradores estão animados com a cultura, fazendo prever grande aumento de produção nas próximas safras. Os preços alcançados tem sido os seguintes: em Monte Alto, Cr\$ 75,00 saco de 25 kg; em Presidente Prudente Cr\$ 85,00 e em Agudos e Sorocaba, Cr\$ 95,00 .

Também está em franco andamento a colheita da mamona, com perspectivas de uma boa safra.

Fleição da seca:— A colheita está sendo favorecida pelo tempo em geral seco .

Em diversas regiões essa operação já está concluída e em

outras ainda está na fase da batadura e ensacamento.

De um modo geral tanto a quantidade como a qualidade do produto colhido são bons.

Mandioca:- Em Capão Bonito os resultados animadores das colheitas, faz com que haja no município um movimento no sentido de incrementar esta cultura para fins industriais.

Reina entusiasmo por esta lavoura em Assis, onde a produção média tem sido de 45 toneladas por alqueire ao preço de Cr\$600,00 a tonelada.

Nas regiões de Limeira e Araras estão em pleno período de industrialização e o preço da raiz está muito bom; Cr\$ 800,00 a tonelada na roça. Em Araras devido a grande procura de ramos da variedade branca, Sta. Catarina, diversos lavradores estão podando seus mandiocaes para venderem, a rama ao preço de Cr\$ 120,00 o metro cubico.

Em Sorocaba a tonelada de raiz na roça está sendo cotada a Cr\$ 350,00 e posta na usina de beneficiamento a Cr\$ 500,00.

Batata da seca:- Esta cultura está prestes a completar seu ciclo, sendo que em algumas regiões já foi iniciada a colheita.

Em algumas zonas produtivas já se faz sentir a dificuldade na obtenção de inseticidas e fungicidas, imprescindíveis na cultura deste tuberculo.

Em Taqueritinga o aspecto geral das plantações é muito bom, apresentando boa perspectivas de safra; na parte de tratos culturais, além das indispensáveis capinas são feitos combates as pragas e doenças e irrigações por infiltração, pois, a maioria das culturas estão localizadas em baixada.

Na região de São João da Boa Vista constatou-se requeima nos batataes, em consequencia da queda de temperatura.

As culturas do setor de Presidente Prudente apresentam bom desenvolvimento estimando-se que a produção seja boa.

Em Capão Bonito e Apiai notou-se aumento na produção por unidade de área em consequencia da adoção de práticas racionais de cultivo.

Plantas Texteis:- Em Novo Horizonte terminaram o corte do ramie. O rendimento variou bastante devido, principalmente, a diferença de idade dos talhões colhidos; nos lotes de 3º e 4º ano de corte o rendimento alcançou 900 Kg. por alqueire e nos talhões mais novos colheu-se 2.500 kg por alqueire, sendo o produto cotado a Cr\$ 14,00 o quilo.

Fumo:- Os fumais das regiões de Tiete e Piracicaba favorecidos pelas chuvas do mês de maio, estão em excelentes condições de crescimento, apresentando folhas bem formadas e sadias. Em Tiete algumas culturas já estão florescendo, devendo a colheita ser iniciada no próximo mês de julho.

Milho:- Em algumas zonas do Estado a colheita acha-se praticamente concluída. Em consequência da má distribuição de chuvas, o rendimento por unidade de área tem sido menor que a do ano agrícola anterior. O milho híbrido suportou melhor a falta de chuvas, sendo o resultado muito bom, em confronto com as outras variedades. Observa-se uma acentuada procura pela semente do híbrido, uma vez que os preços são compensadores, espera-se por certo um aumento da área a ser plantada com essa gramínea no próximo ano agrícola.

Arroz:- Acha-se totalmente colhido esse cereal. Os agricultores já procuram as Casas da Lavoura para aquisição das sementes para o próximo plantio. Nota-se um descontentamento geral dos agricultores pelo tabelamento da COFAP, e estão os mesmos armazenando suas safras, na expectativa de alcançar um melhor preço. Em consequência da falta de chuvas o rendimento das culturas foi baixo.

Laranja:- Tem sido satisfatório o aspecto geral da grande maioria dos nossos pomares. A colheita prossegue em ritmo normal. Em vários municípios, Piracicaba, São Carlos, Mococa, existe grande interesse pela cultura. Uma prática que está se tornando comum, é o emprego de "adubação verde", dando ótimos resultados, como foi observado em Araras.

Uva:-Os vinhedos encontram-se bem "despidos" com a queda das folhas nas variedades Niagara branca e rosada.

As castas finas ainda estão enfolhadas, processando-se a maturação das mesmas mais lentamente.

Durante este mês estão sendo intensificados os trabalhos de preparo do solo, abertura de valetas para novas plantações, adubação corte forragem e troca de moirões. Em Jundiá é acentuado o preparo do solo para novos vinhedos. Em Capão Bonito espera-se aumento de plantio; vários agricultores procuram se dedicar exclusivamente a essa cultura.

Tomate:- Em São Carlos, o aspecto das lavouras é bom e com boa carga. Em Monte Alto não chega a ser regular o estado das culturas, motivado pelo intenso ataque de "vira cabeça" ocorrido nas plantações da presente safra. As replantas foram feitas quasi pela totalidade dos plantadores. O numero de lavouras perdidas, é consideravel.

Melancia:- Esta cultura despertou este ano mais entusiasmo entre os agricultores. Em Capivari a procura de sementes foi acentuada.

As culturas estão em ótimas condições.

ESTIMATIVA DE SAFRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

1952/1953

7ª PREVISÃO

MUNICÍPIOS SAFRA	Nº de municípios q/compos o Setor	CAFÉ		ALGODÃO		ARROZ (seca)		MILHO		FEIJÃO (seca)		BATATA (seca)	
		Nº de mil pes	Sos.60 qls.benef.	Área (alqs)	Arrobas em carvão	Área (alqs)	Sos. (50kls)	Área (alqs)	Sos. (alqs)	Área (alqs)	Sos. (60qls)	Área (alqs)	Sos. (60qls)
1952/1953													
Agatuba	16	90.200	608.200	55.400	6.315.000	18.250	940.000	21.250	1.047.000	2.660	117.900	n.c	n.c
Araraquara	12	58.585	350.000	4.080	386.000	7.200	295.200	10.270	499.000	1.700	45.600	50	15.000
Araré	21	86.155	888.725	4.182	345.800	15.565	446.510	32.212	1.777.900	2.665	63.010	242	65.400
Aurifil	19	155.785	1.274.500	9.170	953.400	5.040	213.800	17.200	851.000	2.085	62.400	215	18.000
Abadomo	18	59.578	314.802	12.497	1.371.820	25.145	955.575	22.535	1.082.810	2.545	47.250	55	16.200
Arag. Paulista	15	55.596	170.602	818	52.800	1.640	71.000	14.270	562.000	1.710	54.460	484	204.850
Arampinas	17	26.205	154.819	7.564	664.260	7.840	508.840	25.820	1.147.500	968	32.540	593	128.700
Aratiba	54	650	5.173	590	51.400	3.595	228.900	11.265	829.581	945	26.215	1.177	261.800
Aratuna	12	69.142	362.217	5.565	455.165	10.440	527.450	11.470	455.225	1.518	44.500	219	62.250
Aratunópolis	22	4.169	54.580	4.757	235.500	6.555	286.100	33.507	1.775.855	3.090	70.200	808	210.800
Aratunópolis	11	66.620	426.900	2.459	168.600	5.218	151.200	11.390	461.400	2.325	90.720	n.c	n.c
Aratunópolis	24	220.080	1.457.182	66.690	7.851.600	32.365	1.102.360	22.702	1.034.560	3.840	96.400	834	71.650
Aratunópolis	11	38.880	292.250	36.670	2.872.600	5.970	188.820	9.840	370.000	3.370	117.600	n.c	n.c
Aratunópolis	15	11.455	77.256	4.138	329.190	4.681	141.955	10.849	572.210	2.405	45.082	160	28.700
Aratunópolis	1	49.055	285.500	15.764	1.250.600	9.150	305.700	20.044	847.500	2.574	45.850	820	126.550
Aratunópolis	15	18.750	197.500	104.200	11.120.000	3.150	142.500	10.960	399.000	2.580	53.100	2.925	688.000
Aratunópolis	51	100.129	563.540	27.748	2.525.100	52.010	1.119.805	31.550	1.558.400	6.383	115.750	565	111.820
Aratunópolis	27	107.158	584.508	41.839	3.508.575	21.664	1.249.852	20.960	1.150.012	6.268	155.590	25	10.000
Aratunópolis	55	4.290	19.910	n.c	n.c	7.639	387.545	8.139	529.190	697	53.150	22	3.700
Totais	569	1.198.118	8.027.164	399.497	40.212.210	218.909	9.842.992	343.849	16.626.325	50.506	1.296.917	8.992	2.021.820

ESTIMATIVA DE SAFRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

1952/1953

7ª PREVISÃO

(continuação)

SAFRA 1952/1953	MANDIOCA		CANA DE AÇÚCAR		AMENDOIM (assa)		MAMONA		SOJA		CEBOLA		TOMATE		LARANJA	
	Área (alq.)	Ton.	Área (alq.)	Ton.	Área (alq.)	Sos. 25 qts	Área (alq.)	Sos. 50 qts.	Área (alq.)	Sos. 60 qts.	Área (alq.)	mil arrobas	Área (alq.)	mil caixas	nº mil pes	mil caixas
Aragatuba	200	9.800	1.001	82.100	1.815	178.000	1.770	89.200	145	6.450	n.o	n.o	n.o	n.o	n.o	n.o
Araraquara	420	21.000	9.180	1.015.000	171	10.100	521	26.550	1	50	n.o	n.o	90	90	441	514
Avare	375	44.850	4.700	539.000	105	6.900	235	10.470	14	570	294	150	4	15	25	35
Bauri	650	31.000	2.370	259.500	850	75.900	1.895	94.070	24	837	3	2	n.o	n.o	n.o	n.o
Bebedouro	950	25.250	4.650	462.900	171	11.150	5.029	152.810	37	1.520	30	51	776	449	611	148
Brag. Paulista	191	6.750	2.565	275.400	16	1.480	n.o	n.o	8	320	1.181	922	215	196	122	245
Campinas	1.615	56.010	15.520	1.641.000	41	2.400	n.o	n.o	45	1.900	385	258	140	481	555	725
Capital	690	20.295	936	106.000	n.o	n.o	25	1.040	21	995	958	423	552	886	99	501
Catanduba	260	29.600	2.800	353.100	50	5.000	441	56.660	5	100	16	2	440	105	50	150
Itapetininga	585	26.900	622	206.500	16	5.000	4	160	185	4.035	215	174	112	502	52	49
Jau	n.o	n.o	6.990	781.000	n.o	n.o	5.451	135.900	20	1.100	n.o	n.o	n.o	n.o	90	57
Marília	280	6.820	942	98.620	15.115	1.179.560	1.090	64.350	27	1.350	19	54	53	88	32	32
Parg. Paulista	1.465	60.500	3.370	335.800	95	6.800	2.550	131.610	5	180	n.o	n.o	n.o	n.o	35	16
Piracicaba	760	34.900	22.816	2.100.480	19	1.430	n.o	n.o	18	555	145	65	11	53	1.571	1.009
Piraguanga	5.445	146.650	7.740	857.600	5	250	2	50	54	2.458	93	154	49	89	465	544
Pres. Prudente	800	20.300	170	22.400	980	111.000	2.670	112.100	11	350	20	17	n.o	n.o	n.o	n.o
Rib. Preto	1.466	55.940	15.865	1.585.800	88	3.980	1.095	99.580	315	15.168	5	3	147	356	116	62
S. J. do Rio Preto	1.240	50.100	950	95.000	245	19.000	150	9.400	48	1.515	7	2	25	19	43	51
Taubaté	1.697	45.471	2.219	166.940	5	190	n.o	n.o	12	260	13	7	50	132	320	187
Totais	17.706	689.786	105.044	10.364.820	19.761	1.615.650	18.424	941.650	992	59.277	5.380	2.288	2.631	3.221	4.592	5.021

Dados fornecidos pelos Agrônomos Regionais da Seção de Regiões Agrícolas.

NOTA - Feijão das águas	48.485 alqas.	1.171.580 sos. 80 qts.
Batata das águas	6.809 "	2.758.825 " " "
Amendoim das águas	56.654 "	3.419.445 " 25 "
Menta	1.197 "	214.040 quilos
Alfafa	1.642 "	17.970 toneladas
Gergelim	615 "	19.270 sos. 60 qts.
Uva	25.970.890 pes	48.719.450 quilos
Banana	32.871.084 "	32.114.825 cachos
Fumo em corda	706 alqas.	73.300 arrobas.

ESTATÍSTICAS DE ALGODÃO

No boletim " A Agricultura em São Paulo " ano II nº 6 publicamos um quadro demonstrativo da produção e do rendimento de algodão nas usinas de beneficiamento do Estado de São Paulo, no período compreendido entre 1933/34 e 1950/51, com dados fornecidos pela Seção de Fiscalização e Classificação de Fibras Textéis, da Divisão de Economia Rural. Apresentamos agora o resultado de mais uma safra 51/52, confrontando-a com os dos últimos 3 anos.

QUADRO I

Safra	Alg. tra- balhado Ton.	Prod. de Pluma Ton.	Prod. carq ço. Ton.	Que- bras Ton.	Porcentagem		
					Pluma	Caroço	Quebras
1948/49	629.322	220.365	390.077	18.880	35,02	60,97	3,01
1949/50	460.467	165.539	278.633	16.295	35,95	60,51	3,54
1950/51	633.402	229.989	383.432	19.981	36,31	60,53	3,16
1951/52	989.724	349.344	606.990	33.390	35,29	61,33	3,38

Em artigos anteriores já vimos comentando que a porcentagem de fibra vem crescendo gradativamente, de 31,15% em 33/34 a 36,31% em 50 / 51. Entretanto de 1944/45 para cá essa porcentagem tem sofrido pequenas oscilações, que são devidos as condições climáticas desfavoráveis, como mostra a safra cujo rendimento estamos apresentando e que foi de 35,29%.

Quanto á produção, nota-se que a partir de 1949/50 houve um acentuado aumento, pois passando de 460.467 toneladas nessa safra para 633.402 toneladas na safra seguinte para atingir 989.724 toneladas na safra 1951/52. Esta foi uma das maiores produções ocorridas no Estado só sendo superada pelas safras de 1940/41, 1942/43 e 1943/44 que foram respectivamente de 1.143.032 toneladas, 1.089.450 toneladas e 1.315.668 toneladas. Para a safra em curso ou seja a de 52/53 a produção será reduzida conforme as previsões publicadas em outro local deste boletim.

O movimento geral da safra 51/52 por setor foi o seguinte:

QUADRO II
MOVIMENTO GERAL DA SAFRA DE ALGODÃO
1951/52 (pêso líquidos)

23

SETORES	Algodão em caroço tra balhado.		Algodão e/ Fluma		Desclassificados e resíduos		Sementes e caroços		Quebras		
	Toneladas	Toneladas	%	Toneladas	%	Toneladas	%	Toneladas	%	Toneladas	%
Piraçununga	55.808	16.012	58,86	145	0,40	21.507	60,91	644			
S.J.Rio Preto	105.196	37.868	56,89	421	0,40	61.469	59,57	3.456		1,93	
Catanduva	14.516	5.505	36,54	59	0,40	8.501	58,57	651		3,54	
Campinas	27.988	9.865	36,41	110	0,40	16.258	60,02	657		4,49	
Piracicaba	25.260	9.148	56,21	102	0,40	15.524	61,46	486		5,17	
Sauro	25.211	8.382	36,11	93	0,40	14.068	60,61	666		1,93	
Bebedouro	39.116	14.058	35,88	156	0,40	25.764	60,75	1.168		2,88	
Jan	5.739	1.526	55,54	15	0,40	2.235	41,48	96		2,99	
Araçuaia	8.602	5.054	58,50	34	0,59	5.165	60,02	351		2,58	
Itapetininga	4.814	1.681	54,81	19	0,39	2.869	59,61	245		4,08	
Araçá	19.252	6.702	54,81	75	0,59	11.755	61,20	692		5,09	
Araçatuba	156.535	54.297	54,68	604	0,39	95.986	61,52	5.648		3,60	
Ribeirão Preto	76.858	28.606	54,62	296	0,39	46.100	59,99	3.836		5,61	
Piracicaba Paulista	74.247	25.575	54,44	284	0,38	45.838	61,74	2.550		5,00	
Marília	171.145	58.801	54,55	654	0,58	106.271	62,10	5.417		3,44	
Presidente Prudente	206.868	69.871	33,77	749	0,58	129.606	62,65	6.642		3,17	
Somas	989.724	545.529		5.816		606.980		33.539			
Médias ponderadas			54,91		0,58		61,55				3,5'
Algodão queimado....	1.287										
	991.011										

Notas- As quantidades de " desclassificados " e " resíduos ", foram calculados na base de 11 por 1000 de total de bra produzida, o que corresponde a média geral do Estado.
Fontes- Serviço de cobrança da taxa e mapas mensais organizados pelos fiscais das usinas.
Serviço de Fiscalização e Classificação de Fibras Têxteis.

Constata-se que é muito acentuada a variação no rendimento de fibra das diferentes regiões verificando que a maior porcentagem é do Setor de Piraçununga com 56,86% e a menor de P.Prudente com 33,77.

No quadro III apresentamos os dados de produção de óleo, torta e linter e as quantidades de caroço trabalhado nas usinas nos últimos 4 anos.

QUADRO III
PRODUÇÃO E RENDIMENTO VERIFICADO NAS USINAS DE DESLINTAMENTO E EXTRAÇÃO DE ÓLEO DE CAROÇO DE ALGODÃO

Safras	Caroços trabalhados Ton.	Prod. lin ter. Ton.	Prod. tor ta. Ton.	Prod. óleo bruto Ton.	Casca Quebras Ton.	Porcentagens			
						Lin ter	Tor ta	Óleo brut.	Casca quebra.
48/49	360.005	36.798	162.639	47.823	112.745	10,22	45,17	13,29	31,32
49/50	264.160	30.450	117.409	33.449	82.852	11,52	44,45	12,66	31,37
50/51	335.245	40.377	150.311	42.049	102.508	12,04	44,84	12,54	30,58
51/52	560.979	70.971	244.927	68.299	176.782	12,65	45,66	12,17	31,52

(*) Peso líquido-inclusive hull-fiber e resíduos.

Fonte- Serviço de cobrança da taxa e mapas mensais organizados p/fiscais das usinas, da Sec. Fiscalização Classif. de Fibras Têxteis.

SITUAÇÃO DA PECUARIA

Pastagens:- De um modo geral as invernadas ainda apresentam condições vegetativas regularmente boas, principalmente devido as ocorrências de chuvas tardias.

Os capins começaram a florescer, salientando-se o gordura já totalmente florido.

Nas regiões da alta Sorocabana e Araraquarense houve sensível aumento na área ocupada pelas pastagens provocado pelo desinteresse se na cultura algodoeira.

Na região de Piracicaba, a disseminação de pragas, principalmente do " leiteiro ", vem reduzindo cada vez mais o rendimento dos campos.

Gado de Corte:- Na alta Sorocabana as invernadas estão lotadas, registrando-se poucos embarques de bois gordos em virtude de um lado do desinteresse dos frigoríficos em adquiri-los e do outro o pecuarista esperando melhores preços.

No setôr de Araçatuba, o preço de bois gordos estabilizou e o dos bois magros sofreu ligeira alta; animais de 3 anos são cotados entre Cr\$ 2.000,00 e Cr\$ 2.200,00 em função da qualidade, tipo e procedência.

Surtos de febre aftosa foram registrados em São Pedro. Porto Ferreira, Ourinhos, Pirajuí, Taquaritinga e Andradina.

Abaixo relacionamos os abates nos principais frigoríficos no decorrer do mês de maio:

Frigorífico	Boi	Vaca	Vitelo	Totais
Wilson	19.166	155	50	19.549
Armour	23.453	816	602	24.871
Anglo	22.780	451	-	23.231
Swift	14.003	672	294	14.969
Matadouro Municipal de Santos	3.310	-	-	3.310
Santo Amaro.....	2.104	-	-	2.104
Totais				87.834

Verificamos que houve neste mês um aumento de 14.140 animais abatidos em relação ao mês p.p. ou seja 19,18% .

Cotação:- (Fornecida pelo Brasil Avícola)

Ovos de granja - caixa de 30 dúzias- média do mês de maio.

Casca Branca

Tipo especial	Cr\$ 625,00
Tipo A	610,00
Tipo B	597,00
Tipo C	540,00

Casca Vermelha

Tipo especial	Cr\$ 655,00
Tipo A	640,00
Tipo B	615,00
Tipo C	557,00

Mercado com tendência a baixa.

Com relação ao mês anterior, ocorreu sensível alta em todos os tipos: casca branca especial, Cr\$ 133,00; tipo A, Cr\$ 150,00; tipo B, Cr\$ 126,00 e tipo C, Cr\$ 120,00. Casca vermelha especial, Cr\$ 123,00; tipo A, Cr\$ 126,00, tipo B, Cr\$ 123,00 e tipo C, Cr\$ 126,00 .

Aves:- Raça especializada de corte.

a) galinha	Cr\$ 21,00	(quilo vivo)
b) frango	24,00	"
c) galinha leghorn	17,50	"

Mercado em alta, com relação ao mês anterior, verificou-se aumento na cotação de galinha, de Cr\$ 1,00 por quilo de peso vivo; Cr\$ 2,00 para frangos, e Cr\$ 1,00 para galinha leghorn.

Suínocultura:- O estado sanitário do rebanho é regular, pois diminuíram as ocorrências de peste suína.

Em diversas regiões nota-se desinteresse pela exploração dos suínos, pois, os agricultores preferem vender o milho e considerando-se ainda a dificuldade na obtenção de farelos.

Cotação:- (Fornecida pelo Sindicato da Indústria do Frio de S.Paulo)

Preço de compra até 15/6/55- posto frigorífico.

Frigorífico Armour S/A

Frigorífico Wilson Brasil S/A

Suíno gordo média de
80 kg.Cr\$ 210,00Suíno gordo média de
80 kgCr\$ 250,00

Comparando os preços acima com os do mês p.p. observamos que não sofreram modificações.

Cotação- (Fornecida pelo Sindicato da Industria do Frio de S.Paulo)

(Preço de compra até 15/5/53 posto frigorifico p/ arroba)

Tipos	Frig.Armour S/A	Frig.Wilson Brasil S/A
bois de consumo	175,00	175,00
Vacas e torunos gordos	160,00	160,00
Carreiros gordos	160,00	160,00
Gado tipo conserva	100,00	105,00
Vitelo gordo (p/kg)	10,00	8,00

Os preços do frigorifico Armour referentes a bois de consumo, vacas e torunos gordos e carreiros aumentaram em Cr\$ 10,00 em relação aos do mês passado, o do gado tipo conserva baixou e o do vitelo gordo não sofreu alteração. As cotações do Frigorifico Wilson sofreram as seguintes alterações em relação ao mês anterior, por arroba: novilhos gordos aumentou Cr\$ 5,00; vacas e torunos gordos e carreiros gordos aumentaram Cr\$ 10,, cada; gado tipo conserva aumentou Cr\$ 15,00 e o vitelo gordo permaneceu inalterado.

Gado de Leite:- A produção leiteira declinou, principalmente em função de 2 fatores: estado dos pastos e dificuldade na obtenção do farelo de algodão.

Até agora ainda não foi normalizada a distribuição daquele sub-produto do algodão, que inegavelmente é de grande valor para a pecuaria leiteira.

Em algumas regiões, os pecuaristas têm procurado melhorar seus rebanhos introduzindo touros de raça especializada para leite , principalmente o holandes.

Avicultura:- Continua normal o desenvolvimento desta exploração .

Em regiões onde as aves já completaram a muda a postura começa a aumentar.

De um modo geral a distribuição do farelo e farelinho está se processando normalmente.

Cada vez é maior o interesse pelo esterco de galinha; em Jundiá têm sido cotado de Cr\$ 1,00 a Cr\$ 1,20 o quilo para adubação das videiras.

Importação de Cabetagem Pelo Porto de Santos, em 1953
(toneladas)

PRODUTOS	Janeiro a abril	maio(*)	PRODUTOS	Janeiro a abril	maio (*)
ADUBOS			Batata	-	-
Azubos	1.044	589	Caçou	323	35
BEBIDAS			Café	-	-
Aguardente	548	291	Carne	896	54
Vinhos mesa	8.545	1.034	Carne porco	124	27
Outras bebidas	85	2	Castanha	25	15
CEREAIS			Cebola	12.957	1.718
Arroz	24.217	4.780	Coco	1.787	304
Aveis	24	-	Coco ralado	79	6
Cevada	610	225	Condimentos	70	0
Milho	-	-	Conservas	3.023	747
PRODUTOS ANIMAIS			Doces	126	61
Cera de abelhas	25	11	Ext.tomate	760	130
Grins (an.e veg.)	445	122	Far.mandioca	7.984	1.224
Peles	55	52	Outras farinhas	1.047	129
DIVERSOS			Fecula mandioca	165	6
Fumo em folhas	1.521	482	Feijão	12.229	24
FIBRAS E FIOS			Leite coco	57	12
Algodão	5.728	345	Lentilha	710	92
Caroa	947	268	Feixe	264	90
Coco	7	3	Pimenta	42	4
Juta	6.129	1.648	Sal	68.445	20.394
Lã	5.559	886	Tapioca	-	2
Malva	3.790	59	MADEIRAS		
Paina	12	5	Canela	476	27
Piaçaba	181	99	Cedro	259	13
Sisal	1.742	399	Embuiã	422	65
Uacima	388	-	Freijó	46	14
Fios de algodão	1	0	Peroba	108	6
Fios de coco	-	1	Pinho	8.424	1.590
ÓLEOS E GORD. VEGETAIS			Sucupira	29	-
Cera de carnauba	24	10	Madeira n.e.	837	22
Cera de ouricuri	38	8	PRODUTOS HERV.		
Manteiga cacau	169	38	E SEMENTES		
Óleo de babaçu	790	147	Alpiste	7	-
Óleo de car.algodão	4.183	1.475	Babaçu	3.412	1.592
Óleo de coco	18	1	Guarana	28	30
Óleo de linhaça	1.542	362	Gergelim	135	9
Óleo de bitílica	46	36	Ouricuri	-	30
Óleo de sassafras	6	-	Sen.uacuba	-	272
Óleo de tungus	-	3	RESÍDUOS E TORTAS		
Óleo de ucuçba	-	-	Resíduos algodão	111	91
Sebo de ucuçba	-	5	Torta cacau	75	20
GÊNEROS ALIMENTÍCIOS			Torta n.e.	40	-
Açúcar	18.553	8.676	TRIGO FAR.TRIGO		
Banha	687	107	Farinha trigo	5.601	-
			Trigo #/ grao	20.756	1.217

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural, com dados de "Diário do Comércio" da Associação Comercial de São Paulo.

(*) Dados suscetíveis de aumento.

Importação do Exterior Pelo Porto de Santos, em 1955

(toneladas)

PRODUTOS	janeiro a abril	maio (*)	PRODUTOS	janeiro a abril	maio (*)
Adubos			Castanha	-	-
Cloreto de potássio	1.389	892	Cevada	8.694	582
Fosfato	8.820	-	Damasco	23	16
Salitre do Chile	7.504	7.198	Ervilha	-	-
Sulfato de amônio	250	695	Ext. tomate	-	-
Sulfato de potássio	-	-	Figo seco	6	-
Superfosfato	2.075	2.321	Grão de bico	8	-
Hiperfosfato	500	-	Leite e/ po	466	188
Adubo químico n.e.	1.110	5.488	Lentilha	-	-
ARAME E GRAMPOS			Maça	7.611	1.679
Arame farpado	3.730	355	Malte	3.796	1.207
Grampos p ^a cerca	86	-	Malte-cevada	142	-
BEBIDAS			Melão fresco	329	-
Aguardente	-	-	Nozes	111	-
Champanha	57	2	Peixe	4	6
Uisque	16	5	Peru	6.365	390
Vinho mesa	945	125	Peru congelado	11	-
Outras bebidas	53	6	Pêssego fresco	653	6
FERRAMENTAS			Pimenta e/ grão	19	-
Enxadas	-	-	Tâmara	36	-
Foices	-	-	Uva fresca	2.304	565
Machados	30	-	Uva passa	192	-
FIBRAS E FIOS			ÓLEOS E GORDURAS		
Fibra canhamo	10	-	VEGETAIS		
Fibra linho	-	17	Azeite de oliva	1.061	356
Fios algodão	29	13	Óleo de pinho	-	-
Fios canhamo	-	-	MÁQUINAS		
Fios lã	-	-	Tratores e pert.	1.321	690
Fios linho	660	56	PRODUTOS HERVAN.		
Fios raion	-	-	E SEMENTES		
Juta	5	-	Alpiste	875	463
Lã	262	26	Jarina	-	-
GÊNEROS ALIMENTÍCIOS			Lúpulo	798	64
Alho	1.157	194	Palha Guiné	352	105
Ameixa fresca	1.351	11	Sem.de flores	13	-
Ameixa seca	279	36	Sem de horta	52	4
Amêndoa	58	6	PRODUTOS QUÍMICOS		
Anchova	-	-	D.D.T. em pó	-	-
Azeitona	1.515	268	Fungicidas	9	1
Aveia	1.791	913	Hexacloroto benzeno	111	35
Avelã	6	-	Inseticidas	617	255
Bacalhau	2.778	61	Óleos essenciais	1	-
Batata (e semente)	2.094	30	TRIGO E FAR.TRIGO		
Canela	27	-	Farinha trigo	15.998	-
Cravo	1	2	Trigo em grão	179.482	42.043

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural, com dados do "Diário do Comércio" da Associação Comercial de São Paulo

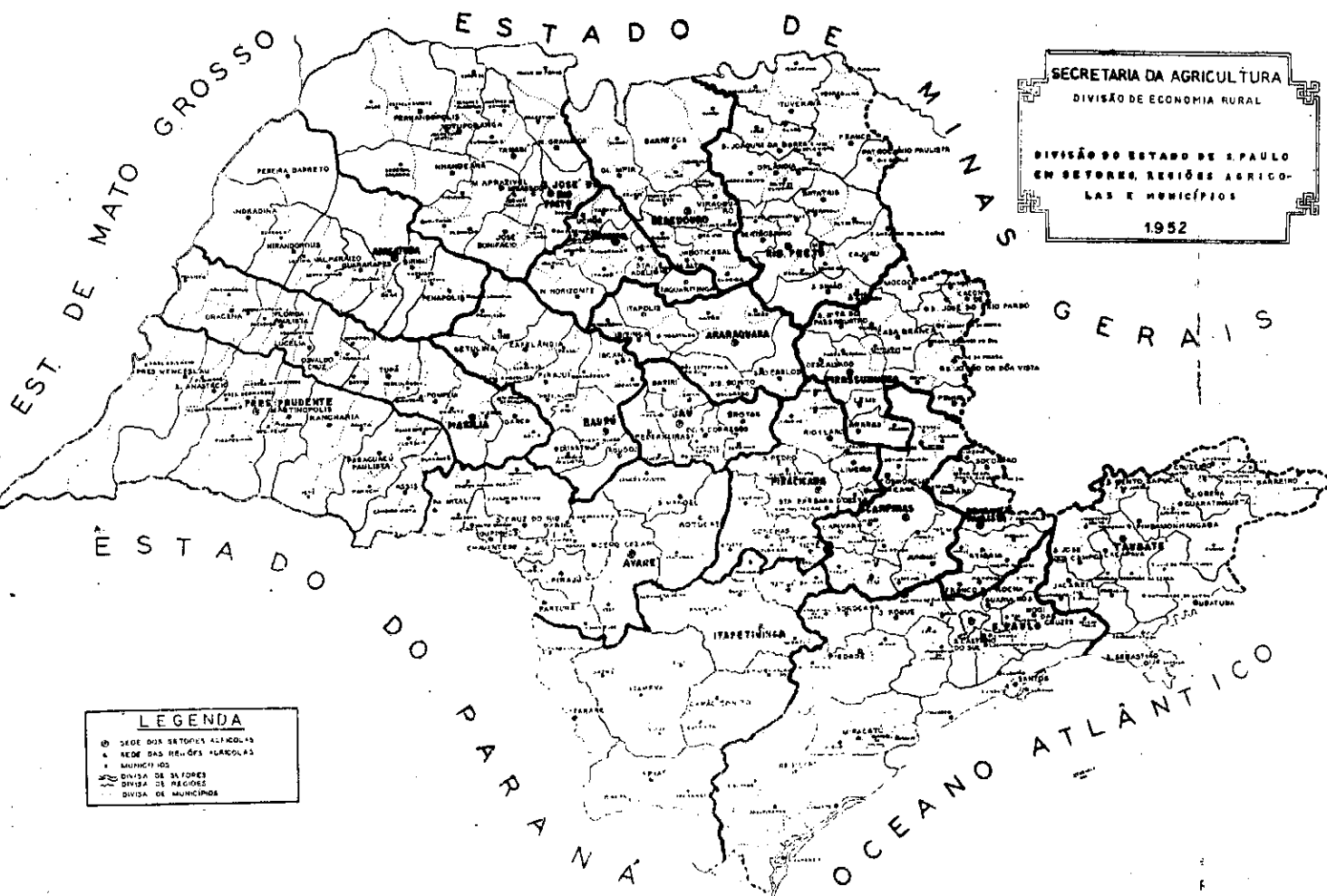
(*) Dados suscetíveis de aumento.

Exportação Para o Estrangeiro Pelo Porto de Santos, em 1953

(toneladas)

PRODUTOS	janeiro a março	Abril	Mai
1- Café (sacas de 60 kgs)	1.904.356	527.504	424.662
2- Algodão em rama	6.982	4.219	7.547
Algodão "linters"	24.178	3.893	2.292
Resíduos de algodão	485	52	58
Picão de algodão	-	-	-
3- Milho	-	-	-
Arroz	-	-	-
Fragmentos de arroz	-	-	-
Amendoim em casca	62	-	-
Amendoim descascado	-	-	-
Manona	1.770	-	-
Çca	-	-	216
Escola de mandioca	821	481	152
Óleo de linho	1	-	-
Herva mate	-	120	51
Laranja (caixas)	-	9.500	42.500
Banana (cachos)	1.001.147	892.795	998.830
4- Banana Flakes	21	21	-
Bambu	19	9	2
Cafeína	-	-	-
Cacau	-	-	30
Carne em conserva	-	-	18
Carne salgada	-	-	-
Çca de ossos	-	-	-
Çca de carnaúba	-	-	-
Cera de abelhas	-	-	-
Couros curtidos	-	-	-
Couros de porco curtidos	-	4	5
Couros salgados e secos	274	1.825	190
Crina animal	19	4	6
Farinha de chifres e ossos	60	-	-
Farinha de sangue	-	-	-
Farelo de amendoim	-	-	-
Farelo de babaçu	-	-	-
Farelo de gergelim	-	-	-
Fios de algodão	-	-	-
Fumo em folhas	-	-	-
Glandulas congeladas	30	-	-
Madeiras	-	-	-
Manteiga de cacau	-	-	-
Mentol	6	25	4
Óleo de amendoim	-	-	-
Óleo de eucalipto	1	-	-
Óleo de hortela	19	5	7
Óleo de manona	920	539	592
Óleo de sassafras	1	6	-
Óleo de tungue	-	-	-
Ossos	123	64	32
Pele silvestres	55	45	8
Resíduos de fiação	-	-	-
Resíduos de ralação	-	-	-
Sangue seco	51	205	51
Tecidos de algodão	-	10	-
Torta de cacau	-	-	-

Fontes: - 1- Divisão de Economia Cafeteira
 2- Associação Comercial de Santos
 3- Divisão de Economia Rural
 4- Associação Comercial de Santos



SECRETARIA DA AGRICULTURA
 DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

DIVISÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
 EM SETORES, REGIÕES AGRÍCOLAS E MUNICÍPIOS

1952

LEGENDA

- ⊙ SEDE DOS SETORES AGRÍCOLAS
- ⊙ SEDE DAS REGIÕES AGRÍCOLAS
- ⊙ MUNICÍPIOS
- DIVISA DE SETORES
- DIVISA DE REGIÕES
- DIVISA DE MUNICÍPIOS